

## Editorial



Osvaldo Cabral  
osvaldo.cabral@diariodosacores.pt

# A urgência do Orçamento

Perderam-se vários meses, por culpa dos partidos, na resolução de vários problemas que as famílias e empresas açorianas enfrentam.

Desta vez houve bom senso na aprovação do Plano e Orçamento para o corrente ano, que já vai tarde (tirando a pobreza franciscana das intervenções dos deputados).

O julgamento pertence a cada cidadão eleitor, mas fica provado que, sendo os documentos praticamente os mesmos que tinham sido chumbados, tratou-se de muita irresponsabilidade.

Agora é preciso recuperar o tempo perdido.

Neste hiato houve muitas consequências económicas que serão difíceis de recuperar, mas há outras que aguardam a urgência deste Orçamento.

Um deles é o pagamento de muitas dívidas em atraso, como ainda esta semana vieram alertar os empresários de construção civil dos Açores, alguns deles com a corda ao pescoço devido ao atraso no cumprimento de facturas há muito reclamadas.

Nenhuma economia funciona com este mecanismo irresponsável dos sucessivos governos dos Açores em avolumar o atraso no pagamento a fornecedores, para esconder ou empurrar para a frente dívidas futuras.

Neste aspecto, é de aplaudir, finalmente, a aprovação de um despacho, por parte do Governo da República, autorizando a transformação de 75 milhões de euros do sector da Saúde em dívida financeira, o que poderá contribuir para aliviar muitos fornecedores, mas não resolve o problema.

É, de facto, uma boa notícia retomar esta opção que já tinha sido seguida em 2021.

Devia haver um plano a dois anos para eliminar toda a dívida em atraso por parte do governo, sendo o mínimo que se pode exigir, se a Região quer mesmo equilibrar as suas contas sem penalizar os fornecedores.

Neste sentido, esta medida, concretizando-se, é um bom sinal.

Fica a faltar liquidar o que resta dos pagamentos em atraso, que não será coisa pouca.

Esperamos que com a situação atual do HDES a situação não volte a agravar-se.

Neste aspecto, é justo reconhecer, também, a atitude do Governo da República em apoiar os prejuízos no HDES em 85%, facilitando assim a recuperação hercúlea que vai ser necessário para pôr a unidade hospitalar a funcionar em pleno.

Ficamos a aguardar o cumprimento da República, porque gato escaldado de água fria tem medo.

Basta recordar, noutros tempos, as promessas de ajuda aos estragos provocados pelo Furacão Lorenzo, à Universidade e a cadeia da bagacina.

Estaremos atentos.

# Consultas presenciais de Pediatria regressam ao HDES

Esta semana irão regressar as consultas presenciais na especialidade de Pediatria no Hospital de Ponta Delgada.

Até agora, as consultas têm sido realizadas com o apoio da Unidade de Saúde de Ilha de São Miguel e também em teleconsulta.

Por sua vez, a Medicina Física e de Reabilitação já tem todos os seus serviços a funcionar no HDES.

Entretanto, o Governo dos Açores deverá autorizar, em breve, a instalação de um hospital modular junto ao HDES. Segundo a Presidente do Conselho de Administração do Hospital do Divino Espírito Santo, “dentro desta solução de uma estrutura modular que está em cima da mesa, acredito que tenhamos uma resposta positiva a muito breve trecho, o que nos vai permitir ter mais um bloco operatório a funcionar e realizar mais cirurgias, não só de urgência mas também as programadas. Está só e unicamente dependente da tutela”.



# Financial Times elogia o paraíso escondido da ilha de São Jorge

“whooosh,” he said, with a gesture to illustrate the bike’s likely trajectory over the cliff on to the rocky beach below.

My flight to São Jorge had found a hole in the storm, but on this, the final leg of my journey, the weather had caught up with me. On the island’s steep northern slopes, a torrential downpour had kicked-started the cataracts, one of which was now gushing with tremendous ferocity across the road. Draitz said he’d bring my bag when the torrent had subsided. And so, for the final mile, I walked.

The Azores, a Portuguese archipelago in the mid-Atlantic, is made up of nine main islands. São Jorge, in the central group, is one of the less visited while the Azores received a record 1.7m visitors last year, São Jorge had fewer than 30,000. With no direct flights to the European mainland, I flew last month via the neighbouring island of Terceira.

But while São Jorge is relatively anonymous, it is also arguably the most charming rock in the archipelago. A fossil island, 25km long by 8km wide, it tapers south to south-east, tapering into points like a Neolithic dagger. Even from the plane looking through the fog, I had been able to discern its dramatic, volcanic topography. Sheer flanks, draped

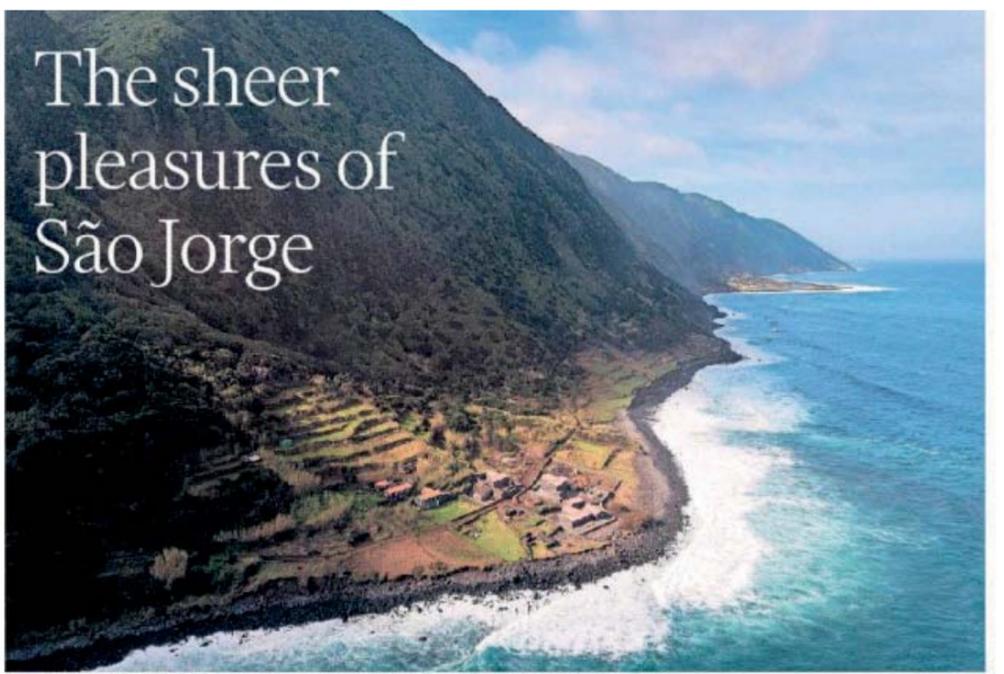


In evergreen forest, tumbled out of the clouds and fell straight to the ocean.

Dotted at the foot of the slopes were fajãs, a feature across the Azores but especially common here: small, flat areas of land, formed by landslides and lava flows, that protrude into the sea. Highly fertile, they are usually covered with small fields and dotted with houses.

On the ground a few hours later, I left the quad-bike and took a footpath that circumvented the thundering water fall. I’d been walking for 20 minutes when one of these coastal plateaus came into view. On a terrace of black basalt was a collection of terracotta-roofed houses all built from volcanic stone. In the largest house, Nuno Ferreira was waiting with a bottle of Portuguese red, a wedge of São Jorge’s piquant cheese, and the story of how he built his personal faja.

A stout 56-year-old, with close-cropped hair and a rough-hewn, Ferreira had made his fortune in his native Angola, weathering the country’s turbulent politics to establish an advertising empire. His first visit to São Jorge was in 2018, a holiday with his wife



**Azores | Set between waves and mountains on an island where cows outnumber people, an abandoned hamlet has been turned into a heavenly retreat. By Henry Wismayer**

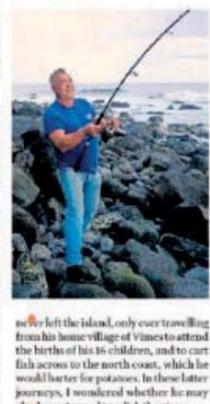


Portuguese pop stars, footballers and politicians. Draitz, the lodge manager, spends much of his time on the all-terrain buggy carrying guests and supplies along the narrow track that is the only route in.

Despite the drama of my arrival, visiting other parts of the island during my five-day trip was easy. Paulo and Paula Silva, husband and wife taxi drivers from Fajã de Orelhão, two fajãs west of Belo, met me at the bottom of the dirt road for excursions across the island.

It quickly became apparent that the landscapes of São Jorge are demarcated by its spine. After climbing the wild north wall, the road emerged on a plateau of cow pastures. The south side, where the slope is more sheltered and less severe, is home to most of the island’s 9,000-strong population, more than half of whom live in Velas, the seaport capital.

This more serene face of the island had diversions in common with other Azorean destinations. There were small Baroque churches and natural swim-



when the northern reaches felt so wild and feral.

In the evening, back at Fajã de Belo, fruit bats darted in weakly ellipses, and Coy’s shearwaters emitted their bizarre chatter from the coastal shrubs. In summer, Ferreira said, the abundance of birds, migrating here from as far afield as Polynesia, would make the cliffs resound “like a symphony”.

Also staying at the lodge was Raphaële Cadougue, the French chief executive of Paganus, a US travel company that is partnering with Belo to promote its potential as a surf destination.

Just 250 metres out to sea, the bedrock falls away by more than two vertical kilometres. When Atlantic rollers hit this shelf at the right angle, the breaks could be supreme. Cadougue, a keen surfer himself, explained.

This time, though, he’d been left frustrated. For the duration of his stay, the swell refused to resolve into the waves he craved. But he remained philosophical; he knew full well that trips to São Jorge require a degree of fatalism.

He never left the island, only ever travelling from his home village of Vinhos to attend the births of his 16 children, and to cart fish across to the north coast, which he would barter for potatoes. In these latter journeys, I wondered whether he may

O conhecido jornal Financial Times, de Londres, publicou um laudatório artigo sobre a ilha de São Jorge, na sua edição de 4 de Maio.

O autor, Henry Wismayer, ficou fascinado com a ilha e estranha que ela não seja mais conhecida.

Intitulado “Os puros prazeres de São Jorge”, o artigo faz um relato minucioso dos prazeres paisagísticos da ilha, focando sobretudo a combinação paradisíaca da montanha e do mar.

É uma reportagem bem descrita dos prazeres da ilha, descrevendo experiências nas fajãs, com traços históricos das vivências das suas populações e da paz de espírito que se encontra em cada recanto da ilha.